

## Avaliações do *Comentário Bíblico da Reforma*

“Fundamentalmente, os reformadores protestantes foram tanto exegetas quanto teólogos; no entanto (com exceção de figuras como Lutero e Calvino), seus comentários e sermões têm sido negligenciados, uma vez que esses escritos não estão disponíveis em edições ou línguas atuais. Isso torna esta nova série de comentários bíblicos da Reforma mais do que bem-vinda a algumas das mais ricas exposições bíblicas dos séculos 16 e 17. A introdução do editor explica a natureza das fontes e o processo de seleção; o público-alvo são pastores e estudantes da Bíblia de hoje, o que levou a um foco nos comentários teológicos e práticos. Embora seja de grande valia para os estudantes da Reforma, esta série está longe de ser um estudo esotérico de vozes amplamente esquecidas; esta coleção de comentários da Reforma, que abrange cada versículo bíblico e fornece cabeçalhos temáticos, será de grande ajuda para os pastores e pregadores de hoje.”

**Elsie Anne Mckee**, *Professora de Estudos da Reforma e de História da Adoração, Princeton Theological Seminary*

“Esta série fornece uma excelente introdução à história da exegese bíblica no período da Reforma. As apresentações são precisas, claras e informativas, e as passagens, inteligentemente escolhidas, darão ao leitor uma boa ideia dos métodos empregados e dos temas em pauta. A série coloca a exegese pré-crítica no seu contexto, apresentando-a como ela é. Altamente recomendado como livro de referência, pode também ser usado como livro didático ou de leitura geral para estudantes, todos os leigos e clérigos interessados.”

**Irena Backus**, *Professora do Institut d'Histoire de la Réformation, Université de Genève*

“Os comentários bíblicos da Reforma são um importante evento de publicação – para aqueles com interesse histórico pelas convicções fundadoras do protestantismo, mas, acima de tudo, para aqueles que querem entender a Bíblia. Como o anterior *Ancient Christian Commentary on Scripture*, este esforço traz carne e sangue para a ‘comunhão dos santos’ ao permitir que os crentes de nossos dias conheçam as posições dos gigantes do passado. Ao ligar o passado com o presente, e ao fazer isso com a Bíblia no centro, os organizadores desta série empreendem um grande serviço à igreja. A série merece o maior apoio possível.”

**Mark A. Noll**, *Professor de História, University of Notre Dame*

“Para aqueles que pregam e ensinam as Escrituras na igreja, o *Comentário Bíblico da Reforma* é um evento editorial da maior importância. Pastores e outros líderes da igreja encontrarão surpresas agradáveis, enigmas desafiantes e perspectivas edificantes nesta série, já que muitas vozes da Reforma são traduzidas pela primeira vez para a nossa língua. A vívida conversa nestas páginas pode inflamar a imaginação atual dos pastores para novas e fidedignas exposições das Escrituras.”

**J. Todd Billings**, *Professor-assistente de Teologia Reformada, Western Theological Seminary*

“Os reformadores discerniram corretamente o que a igreja necessitava desesperadamente no século 16 – a ousada proclamação da Palavra baseada num estudo cuidadoso das Sagradas Escrituras. Nos

dias de hoje, não apenas precisamos atentar novamente para esse chamado, mas também aprender com a Reforma como fazer isso. Esta série de comentários é uma dádiva de Deus.”

**Richard J. Mouw**, *Reitor, Fuller Theological Seminary*

“Assim como o *Ancient Christian Commentary on Scripture*, o *Comentário Bíblico da Reforma* faz um trabalho magistral ao oferecer excelentes seleções de exegetas, dos bem conhecidos àqueles não tão conhecidos. O esboço introdutório do editor, por si só, vale o preço do livro. É fácil nos esquecermos de que mais mãos, corações e mentes estiveram envolvidos na Reforma além dos de Lutero e Calvino. Além do mais, os encontros que temos com essas figuras são frequentemente limitados a citações conhecidas a respeito de tópicos familiares. No entanto, o *Comentário Bíblico da Reforma* nos ajuda a reconhecer a amplitude e a profundidade dos interesses exegeticos e as habilidades que alimentaram e continuam a alimentar meditações fiéis sobre a Palavra de Deus. Recomendo esta série como uma fonte tremenda, não apenas para o ministério, mas também para a edificação pessoal.”

**Michael S. Horton**, *Professor de Teologia Sistemática e Apologética, Westminster Seminary, Califórnia*

“A Reforma foi desencadeada por uma leitura renovada das Escrituras. Nesta série de comentários, nós, intérpretes contemporâneos, temos permissão para sentir parte da empolgação, da surpresa e do encantamento de nossos antepassados espirituais. Lutero, Calvino e seus companheiros revolucionários foram intérpretes magistrais da Palavra. Agora, nesta série notável, alguns dos maiores eruditos da Reforma expõem as riquezas das interpretações das Escrituras pelos reformadores.”

**William H. Willimon**, *Bispo da United Methodist Church*

“O princípio da Reforma coloca toda a vida e o pensamento cristão sob a governança da Palavra divina, compelindo a igreja a renovar seus trabalhos exegeticos. Esta série promete colocar diante da igreja contemporânea o fruto desses labores, e, desse modo, exemplificar como a vida deve ser vivida sob a Palavra.”

**John Webster**, *Catedrático de Teologia Sistemática, University of Aberdeen*

“Desde a obra pioneira de Gerhard Ebeling a respeito da exegese de Lutero, setenta anos atrás, a história da interpretação bíblica ocupou muitos eruditos reformados e tornou-se uma parte vital dos estudos do período. O *Comentário Bíblico da Reforma* fornece novos materiais para os estudantes da interpretação bíblica da era da Reforma, e para pregadores do século 21 extraírem conhecimentos dos ricos depósitos dos discernimentos dos principais reformadores do século 16, tanto dos textos da Escritura, quanto de sua aplicação nos contextos deste século. Esta série irá aprofundar nossa compreensão do período da Reforma e nos permitirá aplicar esse entendimento aos dias atuais e aos desafios que eles apresentam à igreja.”

**Robert Kolb**, *Professor de Teologia Sistemática e Diretor do Institute for Mission Studies, Concordia Theological Seminary*

“Os vários volumes do *Ancient Christian Commentary on Scripture* são um recurso valioso para aqueles que querem saber como os Pais interpretavam uma passagem da Escritura, mas não têm tempo ou oportunidade de pesquisar os diversos trabalhos individuais disponíveis. Este novo *Comentário Bíblico da Reforma* sobre as Escrituras fará o mesmo pelos reformadores e deve ser recebido calorosamente. Ele proverá acesso muito mais fácil aos tesouros exegeticos da Reforma e incentivará os leitores a lerem algumas das obras originais.”

**Anthony N. S. Lane**, *Professor de Teologia Histórica e Diretor de pesquisa, London School of Theology*

“Este volume do projeto *Comentário Bíblico da Reforma* é uma fonte inestimável para os pastores e aqueles que têm interesse pela História e pela Bíblia, porque oferece aos leitores comentários dos líderes reformadores protestantes, além de uma miríade de comentaristas sobre Gálatas e Efésios desconhecidos atualmente. O *Comentário Bíblico da Reforma* seguramente amplia e aviva a exegese contemporânea. Com seu amplo escopo, a coleção irá enriquecer a nossa compreensão da diversidade de pensamento da Reforma e da exegese bíblica.”

**Sigrun Haude**, *Professor-assistente da Reforma e Início da História Europeia Moderna, University of Cincinnati*

“A série *Comentário Bíblico da Reforma* promete ser um “abre-te sésamo” à exegese, à exposição e aplicação da Bíblia, que foi a marca da Reforma. Conquanto comparações possam ser execráveis, nestas páginas são expostas as diferenças entre comentários e exposições da Reforma, e muito do que precedeu e seguiu a Reforma: enquanto uns escrevem sobre a Bíblia do seu exterior, a exposição da Reforma carrega a atmosfera de homens que falavam e escreviam do interior da Bíblia, vivenciando o poder do ensino bíblico até mesmo quando eles o explanavam... Este projeto grandioso coloca diante dos estudiosos, pastores, professores, estudantes e cristãos em desenvolvimento uma experiência que só pode ser equiparada a entrar em um grupo de estudo bíblico e descobrir que os seus colegas participantes incluem alguns dos cristãos mais significativos tanto da era da Reforma quanto da era (se é que há algum) pós-Reforma. Aqui a Palavra de Deus é explicada com uma diversidade de sotaques: alemão, suíço, francês, holandês, inglês, escocês, entre outros. Cada qual vibra com um senso emocionante da natureza viva da Palavra de Deus e do seu poder de transformar pessoas, igrejas e até mesmo comunidades inteiras. Esta é uma série para se esperar com ansiedade, desfrutar e ter em alta estima.”

**Sinclair Ferguson**, *Pastor titular, First Presbyterian Church, Columbia, Carolina do Sul*

“Endosso o *Comentário Bíblico da Reforma*. Ao apresentar como a Bíblia era interpretada durante o tempo da Reforma, estes volumes não apenas renovarão a pregação contemporânea, mas também nos ajudarão a compreender mais plenamente como ler as Escrituras e meditar nelas pode, de fato, mudar a nossa vida.”

**Lois Malcolm**, *Professor-assistente de Teologia Sistemática, Luther Seminary*

“Discernir o verdadeiro significado dos movimentos na teologia requer familiaridade com sua exegese bíblica. Isso é supremamente verdadeiro em relação à Reforma, que foi essencialmente um reavivamento bíblico. O *Comentário Bíblico da Reforma* irá preencher uma enorme lacuna, exatamente como fez o *Ancient Christian Commentary*. Já no primeiro volume, há um belo início que desperta o apetite pela leitura. Da maneira mais calorosa, dou as boas-vindas a este projeto há muito esperado, bem como o recomendo.”

**J. I. Packer**, *Conselho de Governadores, Professor de Teologia, Regent College*

“É impossível dizer os benefícios que emergirão da publicação desta magnífica série *Comentário Bíblico da Reforma*. Agora, os comentaristas e seus tesouros exegéticos e teológicos da era da Reforma estão ao alcance das nossas mãos, fornecendo novas compreensões das velhas fontes para dar luz ao momento presente e ao futuro. Esta série é um presente para os estudiosos e para a igreja; uma fonte maravilhosa para ampliar o nosso estudo da Palavra de Deus escrita para as gerações vindouras.”

**Donald K. McKim**, *Editor executivo de Teologia e Referência, Westminster John Knox Press*

“Por que isso não foi feito antes? A publicação do *Comentário Bíblico da Reforma* deve ser saudada com entusiasmo por todo crente cristão – especialmente por aqueles que pregarão e ensinarão

a Palavra de Deus. Esta série de comentários traz o melhor da herança reformada em matéria de exegese e de exposição, sendo que cada um de seus volumes representa um verdadeiro banquete que nos transporta de volta ao século 16 para enriquecer a pregação e o ensino da Palavra de Deus no nosso próprio tempo.”

**R. Albert Mohler Jr.**, *Reitor do The Southern Baptist Theological Seminary*

“Hoje, mais do que nunca, o passado cristão é o futuro da igreja. Essa editora já nos trouxe, em outra oportunidade, a voz dos antepassados. Agora, em *Comentário Bíblico da Reforma*, ouvimos também uma palavra oportuna dos primeiros protestantes.”

**Bryan Litfin**, *Professor-assistente de Teologia, Moody Bible Institute*

“Estou encantado em ver o *Comentário Bíblico da Reforma*. Os organizadores desta série fizeram a todos nós um serviço inestimável ao compilar dos ricos campos da reflexão bíblica. Que Deus use a nova vida de antigas palavras para sua glória e para edificar a sua igreja.”

**Mark Dever**, *Pastor titular, Capitol Hill Baptist Church*

“Monumental e magistral, o *Comentário Bíblico da Reforma*, organizado por Timothy George, é um empreendimento notavelmente audacioso e visionário. Reunindo uma riqueza de fontes, esses volumes fornecerão a historiadores, teólogos, estudiosos da Bíblia, pastores e estudantes um novo olhar aos entendimentos exegéticos daqueles que moldaram e influenciaram a Reforma do século 16. Com esta publicação maravilhosa, a editora atingiu outro patamar de excelência. Oramos para que esta série esplêndida seja usada por Deus no fortalecimento da igreja e da erudição.”

**David S. Dockery**, *Reitor da Union University*

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	11
ABREVIACÕES .....	13
GUIA PARA ESTE COMENTÁRIO.....	15
INTRODUÇÃO GERAL .....	17
INTRODUÇÃO AOS SALMOS .....	37
COMENTÁRIO DE SALMOS 1-72 .....	49
MAPA DA EUROPA DO TEMPO DA REFORMA .....	515
LINHA DO TEMPO DA REFORMA .....	516
RESUMOS BIOGRÁFICOS DE VULTOS E OBRAS DA ERA DA REFORMA .....	529
FONTES PARA ESBOÇOS BIOGRÁFICOS .....	565
BIBLIOGRAFIA .....	567
ÍNDICE DE AUTORES E OBRAS .....	573
ÍNDICE DE ASSUNTOS .....	577
ÍNDICE DE TEXTOS DA ESCRITURA.....	587

---

## INTRODUÇÃO AOS SALMOS

Confuso em relação ao modo como deveria abordar e compreender os salmos, Marcelino pediu ajuda a seu amigo Atanásio (295-373). O grande bispo de Alexandria impôs a ele uma carta longa, contando sobre o conselho que ele mesmo havia recebido:

Meu filho, *todos os livros das Escrituras*, tanto os antigos quanto os novos, *são inspirados por Deus e úteis para o ensino*, como está escrito. Porém, para aqueles que realmente o estudam, o livro dos Salmos revela um tesouro especial. É claro que todos os livros da Bíblia possuem sua própria mensagem. Como você pode ver, cada um desses livros é um jardim que oferece um tipo específico de fruto. Em contraste, o livro dos Salmos é um jardim que, além do seu fruto particular, também produz todos os outros frutos.<sup>1</sup>

Atanásio afirma que nesse livro sagrado estão toda a forma e o conteúdo da revelação de Deus – a criação, o êxodo, o exílio e a redenção – estabelecidos como louvor, convidando nossa participação. Ele declara: “Nos demais livros das Escrituras, lemos ou ouvimos as palavras dos santos como se pertencessem somente a quem as pronunciou, não como se fossem também nossas. Porém, esse livro nos dá a sensação de lermos nossas próprias palavras. Elas penetram o coração de toda pessoa que as ouvir, como se os pensamentos mais profundos dela fossem expressos”.<sup>2</sup> Os salmos são um espelho que revelam quem somos verdadeiramente, ensinando-nos a – por meio do Espírito Santo – agir de acordo com o dom e o exemplo de Jesus Cristo.<sup>3</sup> Só com a orientação do Espírito Santo, o verdadeiro autor dessas canções, somos capazes de ler os salmos inteligentemente.<sup>4</sup> A carta de Atanásio influenciou mais do que Marcelino. Assim, muitos comentaristas, como Martinho Lutero, João Calvino, entre outros, aparecem neste volume, além de escolherem trechos da carta de Atanásio para incluir em suas próprias obras sobre o salmo 5.<sup>5</sup>

Para os pais, os medievais e os reformadores, as palavras de Cristo não podem ser interpretadas sem o Espírito de Deus. Desse modo, o ato de orar os salmos deve não só alinhar a razão e as emoções dos crentes, mas também adaptar sua vontade à de Deus.<sup>6</sup> Essa não é uma oração superficial. Em uma crise de consciência, Agostinho se preocupou em não estar orando os salmos, mas sendo seduzido por suas melodias doces. Desejava “não ser tocado pelo canto, e sim por aquilo que era cantado”.<sup>7</sup> Qualquer outra coisa além disso é um pecado grave. Lutero lamentou, um tanto exageradamente, que os salmos não fossem entendidos por causa de sua posição secundária, atrás

---

<sup>1</sup> Atanásio, “Letter to Marcellinus”, in *On the Incarnation*, Penelope Lawson (org. e trad.) (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1993), 97-98\* (PG 27:12).

<sup>2</sup> *Ibid.*, 104\* (PG 27:21).

<sup>3</sup> *Ibid.*, 105-6 (PG 27:24).

<sup>4</sup> *Ibid.*, 119 (PG 27:45-47).

<sup>5</sup> Veja LW 35:254-57 (WADB 10,1:99-105); CTS 8:xxxvi-xxxviii (CO 31:15-17). Veja também Martin Tetz, “Zum Psalterverständnis bei Athanasius and Luther”, *Lutherjahrbuch* 79 (2012): 39-61. Até mesmo John Goldingay se refere a Atanásio em seu *Psalms*, 3 vols., Baker Commentary on the Old Testament Wisdom and Psalms (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), 1:23.

<sup>6</sup> Christopher A. Hall, *Worshipping with the Church Fathers* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009), 89-91.

<sup>7</sup> Agostinho, *The Confessions of St. Augustine*, Rex Warner (trad.) (Nova York: Mentor-Omega, 1963), 242.

das lendas e histórias de santos.<sup>8</sup> As coisas divinas haviam sido trocadas pelas humanas. No prefácio do seu influente Saltério, Jacques Lefèvre d'Étaples acusou a si mesmo e a seus colegas de só usarem os salmos e sua teologia “da boca pra fora”.<sup>9</sup> Ignorando a mensagem do salmista – “bem-aventurados os que guardam as suas prescrições” (Sl 119.2) –, trocaram as bênçãos celestiais por bênçãos mundanas, buscando o “sentido literal”, que os deixou completamente “tristes e abatidos”.<sup>10</sup>

### *Cristo e os salmos: qual é o sentido literal?*

Mas os reformadores não são famosos pela sua insistência no “sentido literal”? Não foram os responsáveis por libertar a interpretação bíblica das cadeias e limites das fábulas e alegorias? Depende. O que é o sentido literal e quais são as alegorias que os reformadores desaprovam? Alguns leitores podem ficar surpresos ao ver reformadores afirmarem que alguns salmos são literalmente sobre Jesus Cristo. Hoje em dia, quando discutimos o “significado literal das Escrituras” nos referimos ao que elas significam de acordo com as regras gramaticais, a História e o método literário.<sup>11</sup> É comum vermos nossos contemporâneos atacarem violentamente as interpretações de nossos antepassados como se fossem fantasias. No entanto, especialistas atribuem o sentido literal a Nicolau de Lira e, em alguns casos, até mesmo a Tomás de Aquino (1225-1274).<sup>12</sup> Entre a Idade Moderna e os dias atuais houve uma mudança em nossa compreensão do sentido literal.<sup>13</sup>

Depois de uma entrevista com os monges que estavam desanimados com sua leitura literal das Escrituras, o próprio Lefèvre questionou: o que significa “literal” para eles? “Então comecei a pensar seriamente que talvez esse não fosse o verdadeiro sentido literal, e sim – como o curandeiro faz com as ervas, substituindo uma pela outra – um pseudosentido para o real significado literal.”<sup>14</sup> Ao refletir, Lefèvre percebeu que esses monges liam as Escrituras como se houvesse somente um autor humano. Liam os salmos considerando equivocadamente apenas Davi e seu contexto, sem vê-lo “não como um profeta, e sim como um historiador”.<sup>15</sup> Contudo, para Lefèvre, o testemunho dos apóstolos, evangelistas e profetas mostra que os leitores devem elevar seus corações e contemplar a intenção de um Autor muito maior:

[Os apóstolos, evangelistas e profetas] abriram a porta do entendimento do conteúdo das Sagradas Escrituras e pareço enxergar outro sentido: a intenção do profeta e do Espírito Santo falando nele. Chamo isso de sentido “literal”, mas no contexto em que coincide com o Espírito. Não há outra carta que o Espírito tenha transmitido aos profetas ou àqueles que têm os olhos abertos.<sup>16</sup>

Então, para Lefèvre, a letra que mata é aquela separada de seu verdadeiro Autor, o Espírito Santo. Somente com a ajuda de Cristo – uma só essência com seu Espírito – o leitor será capaz de

<sup>8</sup> Prefácio aos Salmos (1545), LW 35:253 (WADB 10,1:99).

<sup>9</sup> Jacques Lefèvre d'Étaples, “Introduction to Commentary on the Psalms”, in Heiko A. Oberman, *Forerunners of the Reformation* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1966), 297.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 297-98.

<sup>11</sup> Essas restrições costumam destacar o autor humano, uma das grandes mudanças na análise da história da igreja. Veja também Donald L. Fairbairn, *Life in the Trinity* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009), 109-16.

<sup>12</sup> Brevard Childs, “The Sensus Literalis of Scripture: An Ancient and Modern Problem”, in *Beiträge zur Alttestamentlichen Theologie: Festschrift für Walther Zimmerli zum 70. Geburtstag*, Herbert Donner, Robert Hanhart; Rudolf Sment (orgs.) (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1977), 80-93; veja também Henri de Lubac, *Medieval Exegesis: The Four Senses of Scripture*, 3 vols., Mark Sebanc e E. M. Macierowski (trads.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1998-2009), 1:1-14; 2:41-82.

<sup>13</sup> Veja Lewis Ayres, *Nicaea and its Legacy: An Approach to Fourth-Century Trinitarian Theology* (Oxford: Oxford University Press, 2004), 31-40.

<sup>14</sup> Lefèvre, “Introduction to Commentary on the Psalms”, 298.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*

expor o sentido literal das Escrituras.<sup>17</sup> Heiko Oberman resume do seguinte modo: “para Lefèvre, o sentido espiritual não é acessível por meio de uma simples análise gramatical. O incrédulo não consegue descobrir o significado verdadeiro porque aborda o texto sem a ferramenta mais importante para sua análise: o mesmo Espírito que criou as Escrituras”.<sup>18</sup>

Desse modo, Lefèvre sugere uma distinção dupla no sentido literal: o simples e o espiritual, ou aquilo que Richard Muller chama de construído ou composto.<sup>19</sup> O sentido literal simples consiste no significado gramatical, histórico e literário imediato das palavras exatas das Escrituras. O sentido literal espiritual é o significado de cada palavra das Escrituras à luz da forma e do conteúdo integrais das mesmas. Esses dois sentidos são diferenciáveis, porém, inseparáveis. No entanto, há uma hierarquia: o simples serve ao espiritual. Outros reformadores confirmam totalmente essa abordagem. Lucas era um dos que mais insistiam que Cristo, a essência das Escrituras, era a chave para a interpretação de todas as suas palavras.<sup>20</sup>

A grande maioria dos reformadores – e não só Lutero – afirmava que a preocupação com a análise textual deve ser alinhada à regra da fé, que Craig Farmer definiu resumidamente como “a extensão trinitariana, cristológica e evangélica do conteúdo e significado das Escrituras, que surge a partir da mesma e dá sentido ao todo e às partes”.<sup>21</sup> Toda interpretação bíblica deve ser regulamentada. Lutero declara isso com seu floreio característico:

Se me oferecessem a oportunidade de escolher entre ter a compreensão das Escrituras de Agostinho e dos queridos pais, ou seja, dos apóstolos, junto às ocasionais falhas que Agostinho comete nas letras e palavras hebraicas corretas – como os judeus o acusam com desprezo – ou ter o texto correto dos judeus (que realmente não está em todo lugar) sem o entendimento de Agostinho e dos pais, ou seja, com a interpretação dos judeus, é fácil imaginar qual seria minha opção.<sup>22</sup>

Lutero preferiria ter uma tradução defeituosa, porém regulamentada, em vez do texto original separado da fé da igreja. Até mesmo o mais controlado Calvino confirma a grande importância da interpretação correta. Ele explica que Paulo aconselhou “aqueles que profetizaram na igreja... a adequarem suas profecias à regra da fé, para que não se desviassem de maneira alguma do caminho certo”.<sup>23</sup>

O entendimento dos reformadores sobre o sentido literal e a regra da fé nos ajuda a compreender contra quais alegorias eles protestaram com tanta intensidade: aquelas que não se conformaram à regra da fé. Lutero é bem claro:

<sup>17</sup> “Chamaremos de sentido literal o que está de acordo com o Espírito e é derramado por ele. Paulo, o porta-voz de Deus, declara: ‘Sabemos que a lei é espiritual’; se a própria lei é espiritual, como o sentido literal, se for realmente o sentido da lei, poderia não ser espiritual? Assim, os sentidos literal e espiritual coincidem. Esse sentido verdadeiro não é o que chamamos de alegórico ou tropológico, mas o sentido que o Espírito Santo quer exprimir por meio do profeta. Nosso propósito é extrair desse sentido tudo o que o Espírito Santo colocou nele” (*ibid.*, 300).

<sup>18</sup> Oberman, *Forerunners of the Reformation*, 288.

<sup>19</sup> Richard Muller, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* (Grand Rapids: Baker Academic, 1985), 279.

<sup>20</sup> Mickey L. Mattox, “Luther’s Interpretation of Scripture: Biblical Understanding in Trinitarian Shape”, in *The Substance of Faith: Luther’s Doctrinal Theology for Today*, Paul R. Hinlicky (org.) (Mineápolis: Fortress, 2008), 11-57, aqui p. 46.

<sup>21</sup> RCS NT 4:li. Veja também Kathryn Greene-McCreight, “Literal Sense” e “Rule of Faith”, in *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*, Kevin J. Vanhoozer (org.) (Grand Rapids: Baker Academic, 2005), 455-56, 703-704; J. Todd Billings, *The Word of God for the People of God: An Entryway to the Theological Interpretation of Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), 149-94; Gerald Bray, *Biblical Interpretation: Past and Present* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 189-209; Tomas Bokedal, “The Rule of Faith: Tracing Its Origins”, *Journal of Theological Interpretation* 7, n. 2 (2013), 233-55; e W. David Buschart e Kent Eilers, *Theology as Retrieval: Receiving the Past, Renewing the Church* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2015), 43-79.

<sup>22</sup> “Treatise on the Last Words of David (1543)”, LW 15:266-70 (WA 54:29-31). Veja também Mattox, “Luther’s Interpretation of Scripture”. Nessa citação vemos também uma sugestão da definição de Lutero do termo “apostólico”: é aquilo que apresenta Cristo.

<sup>23</sup> *Commentary on Romans* 12:6, CTS 38:461 (CO 49:239).



Quando condenamos as alegorias, estamos nos referindo àquelas que são produzidas pelo próprio intelecto e pela criatividade das pessoas, sem a autoridade das Escrituras. Há também outras alegorias, que são criadas para concordar com a analogia da fé e não só enriquecem a doutrina, como também consolam as consciências.<sup>24</sup>

Em suas *Institutas*, Calvino confirma o preceito de Lutero: “As alegorias não devem ultrapassar os limites estabelecidos pela regra das Escrituras e não são, por conta própria, suficientes como base de qualquer doutrina”.<sup>25</sup> Aqui podemos ver dois gigantes da Reforma usando alegorias que apresentam Cristo, enquanto afastam todas as outras (por exemplo: aqueles que defendem a superioridade papal ou o purgatório).

Previsivelmente, o uso da interpretação regulamentada dos salmos feito pelos reformadores está em um espectro, com Lutero como o representante mais intenso, Calvino como o mais contido e Martin Bucer entre os dois.<sup>26</sup> Em primeiro lugar, Lutero e seus discípulos fazem uso de uma interpretação regulada imediata.<sup>27</sup> Mesmo que em alguns momentos considerem os dados históricos específicos relacionados a Davi, geralmente se aventuram rapidamente nos detalhes cristológicos e muitas vezes leem os salmos na pessoa e voz de Cristo:

Devemos considerar que toda profecia e todo profeta se referem a Cristo, o Senhor, a não ser quando ficar muito claro, com base nas palavras, que estão falando sobre qualquer outra pessoa. Ele mesmo declara: “examinai as Escrituras... e são elas mesmas que testificam de mim”. Caso contrário, é mais certo que os pesquisadores não encontrarão o que estão procurando. Por esse mesmo motivo alguns explicam muitos salmos no contexto histórico, não no profético.<sup>28</sup>

Embora Lutero afirme com sinceridade o valor da História, para ele uma leitura cristã deve juntar o fruto da História com a História em si.<sup>29</sup> Outro tipo de leitura seria superficial e não espiritual. O significado de um salmo deve ser procurado “no Espírito, pois superficialmente pode ser entendido que seja sobre Davi”.<sup>30</sup> Sim, “pois Cristo é a querida origem do círculo. Todas as histórias das Sagradas Escrituras – se forem entendidas corretamente – apontam para ele”.<sup>31</sup> Lutero não tem a intenção de permitir que as Escrituras sejam meras histórias. “Se Cristo for tirado das Escrituras, o que resta nelas?”<sup>32</sup>

<sup>24</sup> *Excursus on Allegory at Genesis 9:12-16*, LW 2:151\* (WA 42:367-68).

<sup>25</sup> LCC 20:339 (CO 2:246); *Institutas* II.v.19. Veja também os comentários de Lutero sobre Gálatas 4.21-31, principalmente quando afirma que as interpretações alegóricas “não devem ser realizadas com a intenção de estabelecer uma doutrina de fé” (LW 27:311; WA 2:550).

<sup>26</sup> Enquanto muitos dos nossos comentaristas aplicam a *quadriga*, Lutero faz uso da mesma claramente em suas palestras pré-Reforma sobre os Salmos (1513–1515), mas evita sua utilização explícita em sua segunda série incompleta de palestras sobre os Salmos (1519–1521). Veja o esboço biográfico da *quadriga* e a “Introdução geral”, p. 22-24.

<sup>27</sup> A maioria dos primeiros intérpretes católicos modernos tinha a tendência de usar o espectro interpretativo regulamentado. No entanto, alguns analistas católicos, principalmente o Cardeal Caetano, em alguns momentos acabam se aproximando mais do espectro de Calvino. Por exemplo: Caetano deixou de publicar seus comentários sobre Cantares e Apocalipse porque, como afirmou, “confesso que não entendo Cantares de acordo com seu verdadeiro sentido” e também “não sei como expor Apocalipse em seu significado real” (Cardeal Caetano, *Opera Omnia quotquot in Sacrae Scripturae Expositionem reperiuntur*, 5 vols. [Lyons: Jean and Pierre Prost, 1639], 3:633; 5:400v). John Donne oscila entre Lutero e Bucer no espectro.

<sup>28</sup> *Preface to the First Psalms Lectures* (1513–1515), LW 10:7\* (WA 3:13); citando João 5.39.

<sup>29</sup> Lutero dividiu muitos de seus comentários bíblicos dessa maneira. Ele explica esse exemplo de divisão em “Short Instruction: What Should Be Sought and Expected in the Gospels”, LW 75:7-12 (WA 10,1.1:8-18; E2 7:8-13; cf. LW 35:113-24).

<sup>30</sup> Glossa sobre o salmo 54 (1513–1515), WA 3:299.

<sup>31</sup> Sermão sobre João 3.14 (1538), WA 47:66 (cf. LW 22:339).

<sup>32</sup> *On the Bondage of the Will* (1525), LCC 17:110 (WA 18:606).

Por causa dessa proximidade cristológica, os leitores deste volume perceberão que, de vez em quando, os exegetas luteranos identificam o salmista como Cristo, sem qualquer aviso prévio. Hoje podemos preferir usar a expressão “aqui o salmista diz”, mas, para esses luteranos, a forma certa é “aqui Cristo diz”. Eles apoiam profundamente a declaração de Agostinho, de que “é a voz de Cristo que neste momento deveria ser perfeitamente conhecida e familiar a nós em todos os salmos, seja cantando felizmente ou com tristeza, alegrando-se na esperança, suspirando em seu estado atual e até mesmo como se ela fosse nossa. Então não precisamos perder mais tanto tempo apontando a vocês quem é o mensageiro aqui. Que cada um de nós seja um membro do corpo de Cristo e então ele será o falante aqui”.<sup>33</sup> Para esses comentaristas, nos salmos aprendemos a reconhecer e imitar a voz de Cristo.

O segundo ponto do espectro da interpretação regulamentada é Bucer (e a maioria dos exegetas reformados).<sup>34</sup> G. Sujin Pak mostrou que Bucer é uma figura de transição entre Lutero e Calvino no campo da exegese bíblica.<sup>35</sup> Aqui podemos ver a história ser desenvolvida mais cuidadosamente como uma prova para as leituras cristológicas. Assim como muitos de seus contemporâneos, Bucer tinha bastante consciência das críticas judaicas às exegeses cristãs, que consideravam muito estranhas ao texto bíblico.<sup>36</sup> Dessa maneira, ele tentou limitar as leituras cristãs ao esclarecer seu contexto histórico: “Assim, sou capaz de fixar mais na base histórica as coisas que são interpretadas sobre nosso Salvador Cristo e a igreja”.<sup>37</sup> Enquanto Bucer reconheceu que até mesmo o melhor conhecimento histórico, separado da iluminação do Espírito Santo, era completamente incapaz de convencer os judeus da verdade cristã, ele se apropriou de recursos rabínicos para reforçar sua posição.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> NPNF 8:138\*; cf. Peter Brown, *Augustine of Hippo: A Biography* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1967), 257-58.

<sup>34</sup> A maioria dos analistas reformados ingleses costuma usar o método de interpretação regulamentada de Bucer. No entanto, a obra *The English Annotations*, como uma mistura condensada do comentário reformado continental, flutua entre Bucer e Calvino no espectro interpretativo.

<sup>35</sup> G. Sujin Pak, *The Judaizing Calvin: Sixteenth-Century Debates over the Messianic Psalms* (Oxford: Oxford University Press, 2010).

<sup>36</sup> Essa reclamação tem efeito hoje, em alguns momentos até mesmo dentro da própria igreja. Por exemplo: veja John Goldingay, *Do We Need the New Testament?* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2015), esp. as p. 160-76. Goldingay avisa que “a interpretação teológica precisa ter o cuidado de ser cristocêntrica e trinitariana e seguir a regra da fé, com base nas formulações da teologia cristã” (p. 174). Poucos reformadores teriam coisas boas para dizer sobre essa declaração. Gostariam ao menos de apontar que é internamente incoerente. Quem é o Deus das Escrituras além da Trindade? Para os reformadores, essas afirmações teriam o mesmo efeito de dizer: “Tentem não pensar sobre quem é Deus enquanto leem as Escrituras”. Brevard Childs destaca a inocência de sugestões como as de Goldingay: “É uma caricatura comum da relação entre a análise e a reflexão teológica o ato de sugerir que o primeiro seja um exercício filológico e histórico independente que tenta objetivamente descobrir o que o texto realmente diz, enquanto o segundo é uma atividade subjetivamente reflexiva e subsequente de natureza amplamente especulativa. Em vez disso, eu argumentaria que a relação entre a exegese e a teologia é algo muito mais complexo e sutil e consiste basicamente na dialética no que se refere à natureza. Uma pessoa pode chegar à exegese já com certas suposições teológicas, e a função da exegese é penetrar tão profundamente no texto bíblico a ponto de até mesmo esses pressupostos serem incluídos na questão, testados e revisados pelo próprio assunto. Outro fator é que a exegese adequada não se limita a registrar somente o sentido verbal do texto, mas insiste no texto em direção ao assunto que ele discute”. Veja Brevard S. Childs, “Does the Old Testament Witness to Jesus Christ?”, in *Evangelium Schriftauslegung Kirche: Festschrift für Peter Stuhlmacher zum 65. Geburtstag*, Jostein Ådna; Scott J. Hafemann; Otfried Hofius (orgs.) (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997), 57-64, aqui, p. 60.

<sup>37</sup> Martin Bucer, *Sacrorum Psalmorum libri quinque* (Basileia: Johannes Herwagen, 1547), a5v; citação de R. Gerald Hobbs, “How Firm a Foundation: Martin Bucer’s Historical Exegesis of the Psalms”, *Church History* 53, n. 4 (1984), 480-81.

<sup>38</sup> Hobbs, “How Firm a Foundation”, 481.

Alguns, como Wolfgang Capito, defendem a sugestão de Bucer, afirmando que, sem o apoio dos elementos históricos, a interpretação cristã é “motivo de riso com suas alegorias”.<sup>39</sup> Outros, apreciando os esforços de Bucer, eram cuidadosos com o uso insensato de seus recursos rabínicos. Preocupavam-se que as mentes mais simples pudessem ficar confusas, pensando que Bucer confirmava a teologia judaica, apesar da promessa do mesmo de que seria ponderado na utilização dos rabinos, como R. Gerald Hobbs resume: “Nenhum de seus materiais seria adotado inquestionavelmente, pois seu comentário foi distorcido em diversos níveis por causa da sua falta de capacidade de penetrar no coração das Escrituras – fé em Cristo”.<sup>40</sup> Isso não era suficiente para Konrad Pellikan. Ele reconheceu sua dívida com o comentário de Bucer: “Seguimos em grande parte não só as opiniões, mas até mesmo as palavras do escritor recente, Aretius Felinus, pois, seja ele quem for, é certamente um tradutor e comentarista muito culto, piedoso e muito cuidadoso”.<sup>41</sup> Entretanto, apesar de se beneficiar de boa vontade dos recursos rabínicos no comentário de Bucer, Pellikan eliminou todas as referências aos rabinos em seu próprio comentário.<sup>42</sup> Ele estava irritado o suficiente para preender o próprio Bucer.

Estou chateado com suas tentativas de buscar e analisar cuidadosamente as opiniões dos rabinos, que vocês repetem de tempos em tempos enquanto discordam um do outro, tanto na gramática quanto no significado. Prefiro o julgamento de Zwinglio, o seu e o da maioria dos doutores da fé cristã às suas opiniões e ensinamentos judaicos, pois há muito tempo se desviaram do alvo e são ignorantes no que se refere aos idiomas além do seu e parecem ter adquirido seu conhecimento como um direito no momento do nascimento. Assim, penso que vocês deveriam ter agido muito mais rápida e facilmente com base em seu próprio julgamento no sentido principal das Escrituras do que apoiados por alguns deles, menos na medida em que isso diz respeito ao sentido gramatical, em que geralmente eles têm alguma sabedoria, mas nem sempre.<sup>43</sup>

Até para os reformadores mais inclinados aos aspectos históricos, somente o Espírito Santo revela a essência das Escrituras.

Finalmente, vemos em Calvino o uso mais restrito da interpretação regulamentada nos Salmos.<sup>44</sup> Ele faz uma distinção cuidadosa entre o Davi histórico e Jesus de Nazaré, ainda que não os separe. Dá a ambas as figuras histórica atenção analítica, além de reconhecer sua ligação tipológica. Lendo sua exegese dos Salmos, vemos geralmente que ele se concentra nas considerações gramaticais e históricas e só depois se volta para as interpretações eclesiásticas ou cristológicas. Essa foi uma evolução metodológica muito abrupta, que posteriormente levou Aegidius Hunnius a chamar Calvino de “judeu cristão”.<sup>45</sup> Isso significa que Hunnius pensava que Calvino tivesse suprimido o conteúdo cristológico das Escrituras. É claro que Calvino poderia ter se assustado com essas

<sup>39</sup> Wolfgang Capito, in *Habakuk* (Estrasburgo: Wolfgang Köpfel, 1526), 5r; citação de Hobbs, “How Firm a Foundation”, 483.

<sup>40</sup> Hobbs, “How Firm a Foundation”, 484; citando Bucer, *Sacrorum Psalmorum*, a5v-a6r.

<sup>41</sup> Konrad Pellikan, *Commentaria Bibliorum*, 7 vols. (Zurique: Christoph Froschauer, 1532–1539), 4:45v; citação de R. Gerald Hobbs, “Conrad Pellican and the Psalms: The Ambivalent Legacy of a Pioneer Hebraist”, *Reformation & Renaissance Review* 1, n. 1 (1999), 88. Como Pellikan sabia, Aretius Felinus era um pseudônimo de Martin Bucer. O comentário de Bucer sobre os Salmos é uma versão revisada do comentário de Johannes Bugenhagen, que Bucer considerou um tanto fraco por causa da falta de familiaridade de Bugenhagen com o hebraico, bem como pelas teologias eucarísticas diferentes.

<sup>42</sup> Hobbs, “Conrad Pellican and the Psalms”, 93.

<sup>43</sup> Konrad Pellikan to Martin Bucer, August 6, 1529; citação de Hobbs, “Conrad Pellican and the Psalms”, 97-98\*.

<sup>44</sup> Por exemplo: Moïse Amyraut, Sebastian Münster e Teodoro Beza também têm a tendência de seguir o estilo de interpretação regulamentada de Calvino.

<sup>45</sup> Pak, *Judaizing Calvin*, esp. as p. 103-24. David Pareus (1548–1622), defensor de Calvino, acreditava que Hunnius havia julgado a exegese de Calvino incorretamente, pois não entendia que a intenção de Calvino era que seus comentários fossem lidos com as *Institutas*.

acusações. Conquanto tenha rejeitado algumas das leituras mais imaginativas por considerá-las “muito forçadas”, defendeu intensamente o uso da regra de fé. Na realidade, na carta introdutória às Institutas, ele aponta a mesma como o modelo de exegese: “Quando Paulo desejou que todas as profecias se adaptassem à analogia da fé, estabeleceu uma regra muito clara para testar toda a interpretação das Escrituras”.<sup>46</sup> De fato, o método de Calvino foi descrito como o recondicionamento da *quadriga*, incluindo fé, moralidade e esperança como parte do sentido literal.<sup>47</sup>

Assim como seus colegas magistrais, os reformadores radicais também consideravam Cristo a verdadeira essência das Escrituras.<sup>48</sup> No entanto, os radicais não se encaixam bem nesse espectro da interpretação regulamentada, já que fugiam da linguagem extrabíblica o máximo possível por causa da “escória” das tradições humanas.<sup>49</sup> Desse modo, “um tratado teológico anabatista era realmente um belo mosaico dos textos das Escrituras, uma obra original na habilidade rara exibida no ato de colocar e apontar”.<sup>50</sup> Esse estilo de escrita caracterizava sua interpretação profundamente literal das Escrituras, principalmente em relação ao Novo Testamento. Confessavam que a Palavra de Deus é tão clara que não exige qualquer comentário, muito menos uma interpretação detalhada.<sup>51</sup> Alguns anabatistas interpretaram o Novo Testamento de maneira tão puramente literal que pregaram até nos telhados (Mt 10.27) e balbuciam e choraram como os bebês (como podemos ver, por exemplo, em Mt 18.1-6). Todavia, os analistas mais cuidadosos, como muitos dos radicais que aparecem neste volume, protegiam-se contra esse “literalismo errático”.<sup>52</sup> O Antigo Testamento provou ser mais difícil. Enquanto a maioria dos radicais não o rejeitou indiscriminadamente, sujeitou-se ao Novo Testamento de maneira – “é válido até onde Cristo não o revogou” – que os reformadores magistrais os acusaram diversas vezes de serem Marcionitas.<sup>53</sup>

Apesar dessas várias ênfases nas confissões da Reforma, os reformadores – assim como os pais da igreja – “leem as Escrituras pelo prisma da encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão de Cristo”.<sup>54</sup> O Sol da Justiça transfigura as Bíblias desses intérpretes. Cada um deles teria estremecido

<sup>46</sup> LCC 20:12-13 (CO 2:12-13); citando Romanos 12.6.

<sup>47</sup> Richard A. Muller, “Biblical Interpretation in the Era of the Reformation: The View From the Middle Ages”, in *Biblical Interpretation in the Era of the Reformation: Essays Presented to David C. Steinmetz in Honor of His Sixtieth Birthday*, Richard A. Muller e John L. Thompson (orgs.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 11. Veja também Randall C. Zachman, *John Calvin as Teacher, Pastor, and Theologian: The Shape of His Writings and Thoughts* (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), 103-30. Veja o esboço biográfico da *quadriga* e acima, p. 23.

<sup>48</sup> Walter Klaassen é um dos que mais destacam isso. Na verdade, ele afirma estranhamente que somente os anabatistas ensinaram que Cristo é a essência das Escrituras, enquanto os reformadores magistrais eram tão presos ao texto a ponto de “Jesus Cristo se tornar para eles pouco mais que um incidente, embora um incidente importante, entre outros mencionados na Bíblia”. Veja Walter Klassen, “Bern Debate of 1538: Christ the Center of Scripture”, *Mennonite Quarterly Review* 40, n. 2 (1966), 148-56, aqui p. 152.

<sup>49</sup> No entanto, em defesa da doutrina da Trindade, Menno Simons recorreu à linguagem de Niceia para proteger esse conceito bíblico (Timothy George, *Theology of the Reformers*, ed. rev. [Nashville: B & H Academic, 2013], 289). Para uma abordagem mais aprofundada da hermenêutica radical, veja George H. Williams, *The Radical Reformation*, 3ª. ed. (Kirksville, MO: Sixteenth Century Journal Publishers, 1992), 1241-1260. Infelizmente, por causa do estilo de exegese dos radicais e do seu foco nos textos do Novo Testamento, os comentários anabatistas são escassos neste volume.

<sup>50</sup> Williams, *The Radical Reformation*, 1247; cf. RCS NT 10:lvi-lvii.

<sup>51</sup> Por exemplo: veja Michael Sattler, “How Scripture Should Be Discerningly Exposed”, in CRR 1:150-77; veja também RCS NT 6:l-li.

<sup>52</sup> Williams, *The Radical Reformation*, 1.257.

<sup>53</sup> Klaassen, “Bern Debate of 1538”, 153. No Debate de Berna de 1538, os interlocutores reformados usavam o peso igual dos Testamentos como chave para sua vitória. Heinrich Bullinger também confirmou isso. Veja Heinold Fast e John H. Yoder, “How to Deal with Anabaptists: An Unpublished Letter of Heinrich Bullinger”, *Mennonite Quarterly Review* 33, n. 2 (1959), 83-95, esp. as p. 84-88.

<sup>54</sup> Christopher A. Hall, *Reading Scripture with the Church Fathers* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), 192-94, aqui p. 192.

com a exegese tão focada na História e na gramática, como vemos no exemplo de Theodoro de Mopsuéstia (c. 350-428), que ousou afirmar que “o tema central do salmo 22 não é o Senhor, e sim o abençoado Davi”.<sup>55</sup> Com a preocupação de que essa declaração dividisse potencialmente Cristo em duas pessoas – uma humana e uma divina –, o Segundo Concílio de Constantinopla (553) rejeitou os escritos de Theodoro.<sup>56</sup> Para nossos antepassados, a tarefa da interpretação não devia ser separada da teologia, ou principalmente da adoração.<sup>57</sup> A vida cristã – em todos os aspectos, tanto pensamento quanto ação – deve promover o amor duplo a Deus e ao próximo. A exegese não é exceção.<sup>58</sup>

### ***Os pejorativos do século 16: o que é “judeu-cristão”?***

O entendimento dos reformadores quanto ao sentido literal e à importância da analogia da fé rendeu frutos ruins em relação ao Judaísmo. O tratado *On the Jews and their Lies* (1543), de Lutero, foi bem severo. No entanto, o sentimento antijudaico<sup>59</sup> não era uma exclusividade dele.<sup>60</sup> O desprezo pelos judeus permeou a Europa medieval e pré-moderna. Em seu comentário sobre Daniel, Calvino afirma que a expressão “nunca encontrei senso comum em qualquer judeu” é típica dessa época.<sup>61</sup>

Em alguns momentos esse sentimento antissemita foi apresentado como um tipo de chauvinismo cristão. Pellikan escreveu na introdução do seu comentário bíblico de sete volumes: “Preferi a autoridade dos antigos que a dos modernos. Seria melhor ficar em dúvida na companhia de Jerônimo e dos 70 tradutores gregos que ter certezas com os judeus modernos”.<sup>62</sup> Essa interação feia entre o desprezo pelos judeus e o orgulho xenofóbico cristão introduziu o termo pejorativo

<sup>55</sup> PG 66:663-66. Teodoro só aceitava os salmos 2; 8; 45; 110 como messiânicos.

<sup>56</sup> Theodoro pode ter sofrido de culpa por associação: seu pupilo infame, Nestório (c. 381–c. 451 d.C.), distinguiu incorretamente as duas naturezas de Cristo, dividindo-o em duas pessoas. Veja também Jaroslav Pellikan, *The Christian Tradition*, 5 vols. (Chicago: University of Chicago Press, 1971–1989), 1:243-44, 251-56.

<sup>57</sup> Mahlon Smith fez essa declaração de modo bem eloquente. “A teologia cristã não se divorciou da tarefa de esclarecer o ritual comum até o Iluminismo. Nesse momento a revolução da imprensa já havia transformado a educação ocidental – pelo menos aqueles que eram influenciados pelas escolas – em uma reflexão sobre a Palavra escrita. Porém, em épocas anteriores, a fé e o entendimento cristãos dependiam profundamente das celebrações litúrgicas, principalmente do batismo e da eucaristia. Nesse contexto, a coerência da comunidade se apoiava no ritual comum, de modo que até o menor desvio do formato tradicional era suficiente para dar origem a uma grande polêmica teológica” (Mahlon H. Smith III, *And Taking Bread...: Cerularius and the Azyme Controversy of 1054* [Paris: Beauchesne, 1978], 29). Desse modo, Smith relaciona as maiores controvérsias teológicas da igreja primitiva ao culto: Marcion (fl. 144) se opôs ao uso do Antigo Testamento nos cultos. Montanus (fl. 135–170) tentou restaurar a profecia do Antigo Testamento. Os Donatistas questionaram quem poderia participar dos cultos. Arius (fl. c. 320) contestou as orações que apontavam o Filho como coeterno. Apolinário (310–c. 392) e Nestório rejeitaram o título *theotokos* para Maria.

<sup>58</sup> Agostinho declarou excelentemente esse princípio para a tarefa de interpretação em sua obra *On Christian Doctrine* 1.39-40; NPNF 2:533.

<sup>59</sup> A expressão “antijudaico” é usada aqui para manter uma distância histórica. Ainda que a maioria das opiniões do início do período moderno em relação aos judeus seja repugnante hoje em dia, é injusto e anacrônico interpretá-las com base no antissemitismo do começo do século 20. Isso não significa tolerar essas declarações, e sim colocá-las dentro de um contexto.

<sup>60</sup> Muitos principados não permitiram que esse tratado fosse impresso sob sua jurisdição por causa de seu tom hostil. Para o texto, ver LW 47:121-305 (WA 53:417-552). Para um resumo do relacionamento de Lutero com o judaísmo, ver Hans-Martin Kirm, “Luther und die Juden”, em *Luther Handbuch*, org. Albrecht Beutel (Tubingen: Mohr Siebeck, 2005), 217-24. Ver também Heiko A. Oberman, *The Roots of Anti-Semitism in the Age of the Renaissance and Reformation*, trad. James I. Porter (Filadélfia: Fortress Press, 1984).

<sup>61</sup> Commentary on Daniel 2.44, CTS 24:185 (CO 40:605). Ver também J. Marius J. Lange van Ravenswaay, “Calvin and the Jews”, in *The Calvin Handbook*, org. Herman J. Selderhuis (Grand Rapids: Eerdmans, 2009), 143-46.

<sup>62</sup> Pellikan, *Commentaria Bibliorum*, 1:B2v; citado de Hobbs, “Conrad Pellikan and the Psalms”, 91. Cuidadoso em relação ao uso dos recursos rabínicos por Bucer, Pellikan defende intensamente sua aplicação da analogia da fé (p. 95).

---

## COMENTÁRIO DE SALMOS 1-72

**Panorama:** nossos comentaristas acreditam que o principal compositor desses hinos, o Espírito Santo, inspirou muitos cantores a entoarem louvores e lamentos ao Senhor, de maneira que os cristãos de todas as épocas se fortalecessem e fossem consolados pelas promessas divinas de Cristo, seu exemplo e o exemplo dos santos. Essas são as profecias da vida, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Até mesmo a doutrina de suas duas naturezas na unidade de sua pessoa é revelada nos salmos. Aqui temos todo o espectro da emoção humana: o mais alto entre os mais altos e o mais baixo entre os mais baixos. Os salmos são um resumo não só das Escrituras – ou uma Bíblia em miniatura, como alguns dizem –, mas também da alma. Os leitores dos salmos aprendem como seus antepassados na fé, no contexto da aliança divina, comunicaram-se com Deus em todos os momentos e emoções. Eles nos ensinam a lamentar e a nos alegrar. Porém, os reformadores afirmam que, assim como toda outra parte das Escrituras, as pessoas devem ler esse livro com discernimento: alguns salmos contêm orações e louvores, outros contêm instruções e promessas e todos contêm a lei e o evangelho. Cada um dos salmos deve ser lido de acordo com seu gênero, senão a igreja não os compreenderá e não os praticará corretamente. Ao lê-los ou cantá-los no contexto do excelentíssimo exemplo de Cristo, vocês conhecerão a Cristo e sua igreja, além de conhecer a si mesmos.

Antes de se aprofundar no comentário em si, os reformadores – alguns claramente, outros não – fazem um esboço de sua metodologia para os salmos. Todos concordam que sem o Espírito Santo, que é o grande autor das Escrituras, a análise é inútil. Ainda que existam insinuações sobre a tipologia dos salmos, que vemos principalmente quando Davi chama Cristo de “nosso Davi espiritual”, os comentaristas não concordam totalmente sobre como usar essa tipologia

(mantenham em mente os gêneros diferentes; algumas das seleções são dos comentários, outras, dos sermões). Por exemplo: Calvino e outros teólogos reformados (como Sebastian Münster e Moïse Amyraut) tendem a distinguir cuidadosamente o Davi histórico e Jesus de Nazaré, apesar de não separá-los. Assim como os comentaristas católicos (o Cardeal Caetano pode surpreender), Lutero e seus discípulos demonstram uma interpretação cristológica mais imediata, embora não descartem o contexto histórico de Davi e dos outros salmistas. As duas abordagens concordam que a história é importante. No entanto, os reformadores em geral acreditam que a história aumenta o espírito do texto e os luteranos rejeitam a ideia de que toda história das Escrituras possa ser entendida corretamente sem primeiro sabermos quem é Cristo e o que ele fez. Mesmo assim, concordam que esses hinos são de Cristo e, por isso, pertencem a seu corpo, ou seja, sua igreja. Sua vila é cercada por essas canções.

### *Introdução: uma anatomia das Escrituras e da alma*

**A divisão antiga dos salmos em cinco livros.** ANOTAÇÕES INGLESAS: esse livro, citado como “os Salmos” pelo próprio Cristo e por Pedro, que confirma sua antiguidade, impedindo a hesitação nos títulos e citações, tem sido subdividido há muito tempo – tanto pelos judeus quanto pelos cristãos – em cinco livros: o primeiro termina no salmo 41; o segundo, no salmo 72; o terceiro, no salmo 89; o quarto, no salmo 106; e o quinto incluiu todos os restantes até o fim. A maioria justifica essa subdivisão da seguinte maneira: as palavras finais desses últimos salmos são “amém e amém” nos três primeiros grupos de livros, um único “amém” no quarto e “aleluia” no quinto. Outras explicações também são dadas, mas nenhuma delas é convincente

ou satisfatória (veja os comentários sobre os Sl 41 e 72). Contudo, essa divisão antiga não deve ser desconhecida para os leitores de livros antigos. Omitimos aqui outras divisões feitas de acordo com a ordem da leitura ou do canto, chamadas *kathismata*, que, segundo diversas igrejas e rituais, têm sido diferentes. PREFÁCIO ÀS ANOTAÇÕES SOBRE OS SALMOS.<sup>1</sup>

**Davi não é o único autor, mas é o autor principal.** ANOTAÇÕES INGLESAS: embora o autor desse livro – estamos nos referindo ao autor imediato e secundário, além do autor original e geral de todas as verdadeiras Escrituras, o Espírito Santo – seja identificado em algumas outras passagens das Escrituras como Davi, isso não fica explícito no título. A verdade é que nem todos os salmos são de Davi. Alguns foram compostos antes dele e outros, muito depois, como mostraremos posteriormente. Para fazer jus a esse título e inscrição seria suficiente que a maior parte dos salmos fosse composta por Davi e que outros fossem organizados por ele (como muitos acreditam) em um único livro ou editados para uso público. PREFÁCIO ÀS ANOTAÇÕES SOBRE OS SALMOS.<sup>2</sup>

**Os salmos abrangem a inteireza das Escrituras.** MARTINHO LUTERO: o livro dos Salmos é precioso e amado porque promete a morte e a ressurreição de Cristo com tanta clareza – e descreve seu reino, condição e a natureza de toda a cristandade – que poderia ser chamado de “pequena Bíblia”. Da maneira mais bela e breve, contém tudo o que está na Bíblia. É como um pequeno guia e manual. Para mim, é como se o próprio Espírito Santo desejasse assumir a tarefa de compilar uma Bíblia resumida e um “livro-modelo” de toda a cristandade para que toda pessoa que não pudesse ler a Bíblia inteira tivesse aqui quase um resumo completo da mesma, compilado em um estupendo livrinho.

Onde encontramos palavras de alegria mais bonitas que nos salmos de louvor e grati-

dão? Neles você pode olhar dentro do coração de todos os santos como se fossem jardins belos e agradáveis, sim, como nos céus. Como são lindas, afetuosas e alegres as flores que nascem ali a partir de todos os tipos de pensamento agradável e feliz em relação a Deus por causa de suas boas obras! Por outro lado, onde podemos encontrar palavras de tristeza mais profundas, dolorosas e dignas de pena que nos salmos de lamentação? Mais uma vez vemos aqui o interior do coração dos santos, como na morte, sim, até o inferno. Como esse lugar é escuro e deprimente, com todos os tipos de visão da ira de Deus! Desse modo, quando falam de medo e esperança, também usam palavras que pintor algum conseguiria expressar, e nenhum orador, nem mesmo Cícero, seria capaz de retratar. É por isso que o livro dos Salmos é o livro de todos os santos. Todas as pessoas, seja qual for a situação, encaixam-se nele com precisão, como se fossem colocadas ali somente por ele, de modo que ele não conseguiria fazer melhor, nem pensar ou desejar algo melhor.

Resumindo, você deseja ver a sagrada igreja cristã pintada em cores e formas vivas, reduzida a uma pequena imagem? Então escolha os salmos! Neles você encontrará um espelho belo, claro e puro que lhe mostrará o que é a cristandade. Sim, neles você encontrará até a si mesmo e ao verdadeiro *gnotēi seauton* (“conhecimento próprio”), bem como a Deus e todas as suas criaturas. PREFÁCIO AOS SALMOS (1545).<sup>3</sup>

**Os salmos são fundamentais para a vida cristã.** RUDOLF GWALTHER: ainda que as Escrituras – que são de Deus e têm um só espírito e origem – sirvam integralmente como fonte de muitos ensinamentos, instruções, reprovações, correções e consolos, em toda a Bíblia não há livro algum em que possamos encontrar todas essas partes (como um todo e individualmente) de maneira clara com todos os frutos abundantes e o apoio poderoso do Espírito Santo como nos salmos.

Desse modo, é fácil entender o motivo pelo qual alguns chamam o livro dos Salmos de

<sup>1</sup> Downname (org.), *Annotations*, 4Z3r\*; citando Lucas 20.42; Atos 1.20; Lucas 24.44.

<sup>2</sup> Downname (org.), *Annotations*, 4Z3r\*; citando Marcos 12.36; Atos 1.16; 4.25; Lucas 20.42.

<sup>3</sup> LW 35:254, 255-57\* (WADB 10,1:99-101, 103, 105); cf. Plass, *What Luther Says*, 2:999-1000.

uma versão breve, mas completa e resumida da Bíblia toda, ou até mesmo de “pequena Bíblia”. Vemos tudo isso de modo rápido e simples no livro dos Salmos. Nele estão todos os segredos de Cristo anunciados para nós, ou seja, sua divindade eterna, sua humanidade assumida, o curso inteiro de sua vida, seus ensinamentos e atos milagrosos – pelos quais, até antes de se tornar humano, ele sustentou e protegeu sua igreja –, seu sofrimento, morte e sepultamento, sua ressurreição magnífica dos mortos, seu reino e sua glória eterna, que ele possui para sempre com Deus, seu Pai, em uma só essência. Assim, temos diversos exemplos de pessoas que acreditam verdadeiramente em Cristo e em seus servos escolhidos. Neles podemos ver – por meio da mediação da mesma salvação recebida em Cristo – como o serviam, a gratidão que demonstravam a ele por seus dons e boas obras, como recorriam a Deus em seus momentos de tristeza, a esperança firme que mantiveram durante todo o seu sofrimento e o prazer e a alegria que sentiram na multiplicação de seu reino e honra; resumindo: como falavam com o próprio Deus em todas as situações. A partir disso, seu espírito, mente e coração podem ser experimentados e conhecidos como se estivessem diante de um espelho claro.

Aqui observamos como muitas vezes eles se afligiram sob a cruz por causa da estupidez humana e como se restabeleceram com todo o consolo que receberam. Isso foi escrito como modelo para todas as pessoas, para que não se apavorassem com as mesmas provações. Em vez disso, com a confiança firme na misericórdia divina, seriam fortemente consolados. E como nós, seres humanos, não temos um dom mais precioso e importante do que a oração – pela qual ficamos diante de Deus e podemos falar com ele sobre todas as coisas que nos sobrecarregam –, o livro dos Salmos deve ser um verdadeiro tesouro amado e precioso. Ele contém todos os tipos de oração e nos ensina com que postura, palavras e pensamentos devemos clamar a Deus. CARTA DEDICATÓRIA A WOLFGANG WEIDNER (1557).<sup>4</sup>

**Os salmos nos ensinam como falar com Deus.** ANTHONY GILBY: para esse propósito, o li-

<sup>4</sup> Gwalther, *Psalter*, 4r-5r; citando 2Timóteo 3.16-17.

vro dos Salmos é essencial para todos os cristãos, mas não para lê-los meramente por hábito – seja em um idioma conhecido ou não (que seria tomar o nome de Deus em vão) –, e sim para meditar neles com nosso coração e, assim, com orações fervorosas, contínuas e sinceras, despertar a misericórdia do Senhor, nosso Deus, como seus servos santos sempre encontraram piedade por intermédio dos mesmos meios antes de nós. Embora todas as outras Escrituras nos apontem o que Deus nos diz, essas orações dos santos nos ensinam o que precisamos dizer a Deus, como devemos nos preparar para nos apresentar diante de sua majestade, tanto na prosperidade quanto na adversidade. Medite nesses salmos pelo mesmo Espírito com Davi, para que sinta o verdadeiro conforto em todos os problemas da mente e do corpo (assim como Davi) e, no fim, seja coroado nos céus e reine para sempre com Cristo, nosso Davi espiritual, na glória eterna. CARTA DEDICATÓRIA À EDIÇÃO INGLESA DOS *PSALMES OF DAVID*, DE BEZA (1572).<sup>5</sup>

#### **Os salmos são uma anatomia da alma.**

JOÃO CALVINO: estou acostumado a chamar esse livro, provavelmente de maneira inadequada, de “uma anatomia de todas as partes da alma”, pois não existe uma emoção da qual podemos ter consciência que não seja representada aqui como um espelho. Ou melhor, o Espírito Santo apresenta, em uma imagem viva, todas as tristezas, dores, medos, dúvidas, esperanças, preocupações, perplexidades, enfim, todas as emoções que perturbam continuamente a mente humana. As outras partes das Escrituras contêm os mandamentos que Deus encarregou seus servos de anunciarem a nós. Porém, aqui os próprios profetas falam com Deus. Expõem totalmente todos os seus pensamentos e sentimentos. Eles convocam ou forçam cada um de nós a analisar a si mesmo, para que nenhuma de nossas muitas falhas e nenhum dos nossos tantos pecados permaneçam secretos. É claramente uma conquista rara e importante quando, depois de todo o covil ser sacudido, o coração é conduzido à luz e purificado da infecção mais cruel, a hipocrisia.

<sup>5</sup> Gilby, “Dedicatory Epistle”, in *Psalms of David*, a3v, a4v\*.



Em poucas palavras, se recorrer a Deus é uma das principais maneiras de garantir nossa salvação, não há nada que possa ser mais útil, melhor e certo do que esse livro. Assim, aquele que conseguir compreendê-lo alcançará uma boa parte da doutrina celestial. As orações genuínas têm origem primeiramente em nosso senso de necessidade, depois na fé nas promessas de Deus. Por isso, aqui nesse livro os leitores se tornarão bastante conscientes de seus sentimentos ruins e serão aconselhados a procurar sua cura. A verdade é que tudo o que é capaz de nos encorajar sempre que oramos a Deus é demonstrado nesse livro. As promessas não estão somente aqui: entre o convite de Deus e os impedimentos da carne, ele está em nosso meio e se prepara para orar. Portanto, se inúmeras dúvidas nos atacarem, precisamos aprender a lutar até que nossa mente esteja livre diante de Deus. E, além disso, se tivermos qualquer dúvida, medo ou pânico, dediquemo-nos à oração até nos sentirmos consolados e não mais aflitos. PREFÁCIO AO LEITOR.<sup>6</sup>

**Observações para os leitores cuidadosos dos salmos.** PHILIPP MELANCHTHON: em Efésios 4 está escrito que, com a ajuda divina, o ministério do ensino celestial é preservado e que constantemente os profetas, pastores e doutores surgem para que a luz desses ensinamentos, a verdadeira invocação a Deus e o culto real não sejam extintos e para que toda a raça humana não seja tomada pela escuridão, pelos erros e pela destruição eterna. Daqui em diante a igreja nos mostra vários exemplos desse grande dom de Deus, desde nossos primeiros pais. Imediatamente foram levantados os líderes e doutores da igreja. Após Sete, Enoque, em seguida, Noé, Sem, Abraão, José, Moisés e então Samuel. Depois de Samuel, veio Natã, então Davi e muitos outros. Essa foi a época mais próspera de todas e foi adornada grandiosamente com sabedoria e vitórias. Posteriormente vieram Elias e

<sup>6</sup> CTS 8:xxxvi-xxxviii\* (CO 31:15-17). No prefácio do seu comentário sobre Salmos, Calvino escreveu esta declaração autobiográfica mais longa e sincera, em que ele identifica Davi e destaca o poder de Deus para vencer todos os obstáculos. Veja também Alexandre Ganoczy, *The Young Calvin*, David Foxgrover e Wade Provo (trad.) (Filadélfia: Westminster, 1987), 241-66.

Eliseu, que Isaías viu, e Jeremias, que viu Isaías. Depois de Jeremias, Daniel. Todos esses eram doutores cujos testemunhos Deus usou para publicar suas revelações e iluminar sua doutrina e, por meio deles, desejou que a lei e as promessas fossem interpretadas contra o julgamento dos hipócritas. Ele queria que vissem a interpretação correta. Assim, Deus concede à igreja sua própria Palavra e o dom da interpretação.

Portanto, sempre que pensamos sobre a escrita de um profeta em particular, toda a liderança da igreja deve ser lembrada pela mente e o chamado dos profetas deve ser considerado, para que saibamos que os sermões dos mesmos são a voz de Deus, pelos quais ele se revelou à raça humana e que o profeta é o pregador ou governador chamado diretamente por Deus, confirmado por milagres confiáveis e uma testemunha da interpretação correta da lei e das promessas divinas referentes a Cristo, o Mediador. Os testemunhos milagrosos de cada profeta são seus ensinamentos. Por isso, ouçamos os sermões de Davi como a voz de Deus cantando dos céus, pela qual o Senhor verdadeiramente se revela à igreja. Com esses sermões fortaleceremos nossa fé e nossas orações e agradeceremos a Deus por essa revelação e por sua doutrina. Desse modo, que esta seja a base da exposição: que os salmos são os verdadeiros ensinamentos de Deus, como está escrito em 2Pedro 1 a respeito dos profetas.

Você precisa identificar o assunto principal. Como todo o ensinamento da igreja é distribuído em duas partes – ou seja, a lei e o evangelho –, o mesmo acontece com os salmos. Alguns contêm mais ensinamentos sobre a lei, isto é, mandamentos e avisos. Outros são mais bem interpretados como a promessa do evangelho a respeito de Cristo. Outros pertencem totalmente ao gênero didático<sup>7</sup> ou demonstrativo,

<sup>7</sup> Melanchthon acrescentou esse tipo de discurso (*genus didaskalon*) aos três tipos retóricos de Aristóteles (ou seja, o deliberativo, o forense e o epidéutico). Esse gênero se concentra nas informações simples e básicas de uma questão. Veja também Volkhard Wels, “Melanchthon’s Textbooks on Dialectic and Rhetoric as Complementary Parts of a Theory of Argumentation”, in *Scholarly Knowledge: Textbooks in Early Modern Europe*, Emidio Campi (org.) (Genebra: Droz, 2008), 151-53.

como o salmo 110, que é uma interpretação da promessa sobre Cristo. Ser testemunha da vinda do Messias e dos intérpretes das promessas é uma função especial dos profetas. Existem, ainda, outros salmos que fazem parte do tipo persuasivo, como aqueles que pregam sobre as boas obras, consolam os piedosos em seus momentos de aflição ou trazem orações, como o salmo 51: “Compadece-te de mim, ó Deus”.

Esses tipos precisam ser diferenciados para que sejam entendidos como orientações para os salmos, ou seja, para que o leitor possa compreender o que o Espírito Santo deseja ensinar e realizar em cada salmo e seja capaz de acomodar seu coração e mente ao movimento apresentado, abrace o ensinamento da fé, fique espantado ao ler as ameaças, seja sustentado pelas promessas, ore fervorosamente, espere verdadeiramente pelo alívio de seu sofrimento e se lembre dos testemunhos claros ensinados na igreja para o fortalecimento de sua fé, como o apóstolo confirma a ressurreição de Cristo com base no salmo 16. Essa distinção dos tipos traz muita luz para os salmos, de modo que o leitor cuidadoso possa entendê-los com facilidade. PREFÁCIO AOS SALMOS.<sup>8</sup>

**Todas as Escrituras são literalmente sobre Jesus.** MARTINHO LUTERO: devemos entender que toda profecia e profeta se referem a Cristo, o Senhor, exceto quando fica bem claro, com palavras diretas, que o assunto é outra pessoa, pois ele mesmo declara: “Examinais as Escrituras... e são elas mesmas que testificam de mim”. Caso contrário, sabemos que os estudiosos não encontrarão o que procuram. Por isso, alguns explicam muitos salmos não de maneira profética, e sim histórica. Isso não é de admirar, pois estão muito longe de Cristo (ou seja, longe da verdade). O apóstolo afirma: “Nós, porém, temos a mente de Cristo”.

Aquilo que é dito literalmente em relação à pessoa do Senhor Jesus Cristo deve ser entendido alegoricamente como uma ajuda que é como ele e como a igreja conformada a ele em todas as coisas. Ao mesmo tempo, isso deve ser enten-

<sup>8</sup> MO 13:1017-18; citando Efésios 4.11-16; 2Pedro 1.21; Atos 13.35-37 (cf. At 2.22-28); 16.10.

dido de maneira tropológica como uma pessoa espiritual ou interior contra a carne e a pessoa exterior. PREFÁCIO ÀS PRIMEIRAS AULAS SOBRE OS SALMOS (1513-1515).<sup>9</sup>

**O hebraico transcende qualquer outro idioma.** MARTINHO LUTERO: o idioma hebraico é tão rico que nenhum outro é capaz de capturar seu sentido satisfatoriamente. Possui tantas palavras com significado de cantar, louvar, adorar, honrar, alegrar, entristecer, entre outras, enquanto nós mal temos uma. Seu vocabulário é rico principalmente em relação a questões divinas e santas. Na verdade, ele tem dez nomes para se referir a Deus, enquanto temos somente a palavra “Deus”, por isso deve ser considerada uma língua sagrada. Por isso, nenhuma tradução pode ser tão livre como o próprio hebraico sem palavras adicionais que chamamos de *figuras*, nas quais o hebraico também transcende todas as línguas. PREFÁCIO AO LIVRO DOS SALMOS (1524).<sup>10</sup>

**Os salmos são a música da aldeia de Cristo.** JAKOB DACHSER: todas as pessoas devem confiar seus medos e necessidades somente a Deus, por meio de Cristo, como seu refúgio, como nos ensina o salmo 51, pois ele é capaz de agir, ajudar e dar abundantemente misericórdia, apoio, consolo e salvação em tudo o que pedimos. Desse modo, é correto que todos agradeçam, louvem e adorem a Deus pelas boas obras que ele demonstra, como Davi canta e ensina no salmo 118. Mas nada disso acontece de maneira mais saudável do que quando clamamos, louvamos e cultuamos a Deus com emoções, atitudes e pensamentos puros e fiéis, como o Espírito Santo exemplificou para nós nas Sagradas Escrituras, principalmente nos salmos de Davi.

Assim, em seus sermões, os homens santos de Deus, que permaneceram fiéis à igreja de Cristo – mesmo em sua época – aconselharam cuidadosamente os cristãos sobre essas canções de louvor e os avisaram sobre as canções de amor impuras, indecentes e maliciosas. Dessa maneira, Jerônimo afirmou: “Na amada aldeia de

<sup>9</sup> LW 10:7\* (WA 3:13); citando João 5.39; 1Coríntios 2.16.

<sup>10</sup> WADB 10,1:94.

Cristo, não cantamos nada além dos salmos, seja qual for. Quando o agricultor segura o arado nas mãos, louva a Deus e canta um *Aleluia* alegre. Quando o suor escorre pelo rosto do ceifeiro, ele se refresca com um salmo feliz. Enquanto o cultivador de uvas corta as vinhas, ele canta uma música abençoada e reconfortante dos salmos de Davi e diz: “esses são nossos hinos e canções””.  
 PREFÁCIO À CONGREGAÇÃO CRISTÃ.<sup>11</sup>

**A música vivificante e salvadora do livro dos Salmos.** JOHN FISHER: todos os cristãos têm o dever de agradecer profunda e imortalmente ao santo profeta Davi, que teve o imenso cuidado de escrever seus salmos piedosamente para serem lidos por nós e nossos descendentes. Parece que o fez por três motivos principais. Em primeiro lugar, esses salmos sagrados animam a mente dos pecadores – como melodias doces – para receber e realizar o estudo da virtude. Em segundo, se alguém caiu em pecados grandes e detestáveis, não precisa se desesperar, e sim colocar toda a sua esperança firme de perdão em Deus. Em terceiro, pode usar esses salmos sagrados como cartas de orações de pedidos pela remissão e perdão para o Deus Todo-Poderoso.

Os pitagóricos... eram acostumados a ouvir o som de uma harpa todos os dias quando acordavam e levantavam da cama. Isso ajudava seu espírito a se preparar mais rapidamente para seus estudos, pensando que não havia nada mais proveitoso do que isso para excitar suas mentes de maneira livre e nobre. Não há dúvidas que essas melodias alegravam sua mente lenta e preguiçosa... Portanto, voltemos a essas melodias doces de nosso profeta Davi, que ele costumava cantar com sua harpa piedosa, com as quais podemos afastar toda a lentidão e preguiça que nos são impostas por espíritos miseráveis. Nesses doces sons ouvimos a abundância e a diversidade dos tons como nunca ouvimos. Algumas vezes ele fala sobre Deus, outras, sobre o diabo, outras, sobre os anjos santos, às vezes, sobre os espíritos condenados, sobre o sofrimento do inferno, as

<sup>11</sup> Dachser, *Gsang buchlin*, A1r, A2r-v; citando Crisóstomo, Homília 9 sobre Colossenses, NPNF 13:300-303; Jerônimo, “To Marcella”, Letter 46, NPNF2 6:64-65.

aflições do purgatório, a justiça divina, a grande misericórdia de Deus, o medo, a esperança, a tristeza, o choro, a satisfação, o consolo, a alma, a maldição dos vícios e pecados, o louvor das virtudes, as pessoas boas e justas e, enfim, as más e desonestas. Com essa diversidade de melodias, se os pecadores não forem capazes de despertar do sono do pecado para as vigílias divinas, devem ser considerados completamente mortos. TERCEIRO SALMO PENITENCIAL.<sup>12</sup>

### Ensina-nos a cantar teus louvores!

JOHN DONNE:

Deus eterno, (pois todo aquele que se atrever  
 A buscar novas expressões faz o círculo quadrado,  
 E empurra para cantos estreitos de pouca inteligência  
 Tu, que não tens cantos e és infinito)  
 Eu apenas bendigo nome, não te nomeio agora  
 (E teus dons são infinitos como tu)  
 Portanto, fixemos nosso louvor nele  
 Para que, como teu Espírito bendito caiu sobre  
 O primeiro autor destes salmos em uma língua dividida  
 (Pois era um poder duplo pelo qual ele cantava  
 A questão mais elevada de maneira mais nobre)  
 Assim dividiste esse Espírito para desempenhar  
 Essa obra novamente e a derramaste aqui sobre  
 Dois, pelo sangue deles, e um pelo teu Espírito.  
 Um irmão e uma irmã fizeram por ti  
 O órgão onde és a harmonia.  
 Dois que fizeram uma a santa voz de João  
 Batista,  
 E que aquele salmo, *alegrem-se e exultem as gentes*,  
 Traduziram e aplicaram,  
 Contaram-nos e nos ensinaram como agir.  
 Mostram a nós, habitantes da ilha, nossa alegria,  
 nosso Rei,  
 Eles nos dizem *por que* e nos ensinam *como*  
 cantar.  
 Tornam isso o Todo: três corais, o céu, a terra  
 e as esferas.  
 O primeiro, o céu, tem uma canção, mas ninguém  
 a ouve,

<sup>12</sup> Fisher, *Commentary on the Seven Penitential Psalms*, 1:60-61\*.

As esferas possuem música, mas não têm língua,  
Sua harmonia é mais dançada que cantada,  
Mas nosso terceiro coro, a que o primeiro dá  
ouvidos,  
(Pois os anjos aprendem com o que a igreja  
faz aqui)

Esse coral possui tudo. O organista é aquele  
Harmoniza Deus e o homem, o órgão, nós,  
As canções são essas, que os santos e altos céus  
refletem

Sussurrados a Davi, a Davi e aos judeus.  
E os sucessores de Davi em um zelo santo  
Em formas de alegria e arte revelam  
A nós tão doce e sinceramente também  
Que não me alegro como deveria  
Quando vejo que esses salmos se tornaram  
Tão bem vistos no exterior, tão enfermos em casa,  
Tão bem nas câmaras, tão enfermos na tua igreja,  
Como posso chamá-la de reformada até que  
Isso seja reformado. Seria todo um estado pre-  
sente

Um presente menor que alguém teria enviado?

E nossa igreja, a nosso Esposo e Rei, deveria ser  
Mais áspera e dura que qualquer outra cantar?  
Por *isso* oramos, louvamos teu nome por *isso*,  
Que, por meio desse Moisés e dessa Miriã,  
Tudo está feito e como os salmos, chamamos  
(Ainda que alguns sejam de outros autores)  
todos de Davi.

Assim, embora alguns tenham, outros podem os  
salmos traduzir,

Nós, teus salmos sidneyanos celebramos,  
E até cantarmos tua canção extemporânea,  
(Sabendo primeiro que vemos o Rei  
Que traduziu aqueles tradutores) para que  
Esses seus esforços doces por todo o caminho  
Sejam como nossa harmonização, para que,  
quando daqui partirmos,  
Possamos estar com eles e cantar nossa parte.

Sobre a tradução dos salmos pelo senhor  
Philip Sydney e a Condessa de Pembroke,  
sua irmã.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Donne, *Poems of John Donne*, 348-50.

## 1.1-6 OS DOIS CAMINHOS

<sup>1</sup>*Bem-aventurado o homem<sup>a</sup>  
que não anda no conselho dos ímpios,  
não se detém no caminho dos pecadores,  
nem se assenta na roda dos escarnecedores.*

<sup>2</sup>*Antes, o seu prazer está na lei<sup>b</sup> do SENHOR,  
e na sua lei medita de dia e de noite.*

<sup>3</sup>*Ele é como árvore  
plantada junto a corrente de águas,  
que, no devido tempo, dá o seu fruto,*

*e cuja folhagem não murcha;  
e tudo quanto ele faz será bem-sucedido.*

<sup>4</sup>*Os ímpios não são assim;  
são, porém, como a palha que o vento dispersa.*

<sup>5</sup>*Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo,  
nem os pecadores, na congregação dos justos.*

<sup>6</sup>*Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,  
mas o caminho dos ímpios perecerá.*

<sup>a</sup> A palavra singular hebraica usada para *homem* é colocada aqui para representar o exemplo de uma pessoa piedosa

<sup>b</sup> Ou *instrução*.

**Visão geral:** para nossos comentaristas da Reforma, esse salmo curto serve como uma introdução para todo o livro dos Salmos e estabelece a postura adequada com a qual devemos lê-lo. Ao apontar as bênçãos da lei de Deus, esse salmo incentiva os crentes a terem prazer, meditem e apreciem a lei do Senhor, que, para os reformadores, corresponde à sua ênfase na Palavra de Deus, como expressa pelo princípio *sola Scriptura*. Além disso, mostram que esse salmo de abertura coloca diante do leitor os dois caminhos da vida – e suas respectivas consequências – de maneira bem clara: os piedosos serão abençoados e os ímpios receberão o castigo justo de Deus. Esses exegetas usam a interpretação cristológica ao longo de Salmos – e ao longo de todas as Escrituras – e o capítulo introdutório não é exceção.<sup>1</sup> Aqui Cristo é entendido como o

<sup>1</sup> Os reformadores não aplicaram a interpretação cristológica de maneira uniforme. Veja a Introdução aos Salmos, p. 38-44.

homem abençoado e a água que refresca e sustenta a vida. Ainda que a condição mundana dos crentes não reflita sempre as bênçãos de Deus e a realidade do pecado persista, com a graça divina e a fé em Jesus Cristo eles poderão se alegrar na Palavra de Deus e seguir o caminho do Senhor.

**Por que não há título?** FELIX PRATENSIS: o primeiro salmo não traz título porque, segundo os ensinamentos de um grande número de pessoas, é uma introdução a todos os salmos. De acordo com alguns deles, não foi Davi, e sim o próprio Esdras quem compôs esse salmo. O SALTÉRIO HEBRAICO.<sup>2</sup>

**O salmo 1 como regra e guia para todos os salmos.** JOÃO CALVINO: aquele que reuniu os salmos em um único volume, independentemente de ter sido Esdras ou outra pessoa, parece ter

<sup>2</sup> Pratensis, *Psalterium*, 1r.

colocado este capítulo no começo com a função de prefácio, aconselhando todos os crentes a meditarem na lei de Deus. O resumo ou a essência do todo é: bem-aventurados são aqueles que se concentram na busca pela sabedoria celestial, mas embora durante um tempo tenham se considerado felizes, em algum momento os desprezadores profanos de Deus chegarão a um fim miserável. COMENTÁRIO DE SALMOS.<sup>3</sup>

**O alcance das Escrituras.** NIKOLAUS SELNECKER: esse salmo é uma introdução adequada para todo o livro dos Salmos, pois mostra a verdadeira extensão de toda a Escritura, ou seja, prega sobre a Palavra de Deus e nos aconselha a valorizá-la e amá-la, lembrando que devemos ouvi-la alegremente e aprender com ela. A Palavra de Deus por si só é o belo jardim de encanto e paraíso em que podemos ter toda a nossa alegria, prazer e descanso nesta vida e onde devemos produzir nossos frutos e viver.

Aqui o profeta também faz uma diferenciação correta e clara entre a vida e o caráter do piedoso e do ímpio. O caráter ímpio é descrito no primeiro versículo e chamado de “conselho dos ímpios”, “caminho dos pecadores” e “roda dos escarnecedores”. A piedade e o temor a Deus são importantes para, em primeiro lugar, evitar as falsas doutrinas e a vida medíocre; em segundo, para proporcionar prazer na lei do Senhor; e, em terceiro, para confessarmos de maneira livre e sem reservas e conversarmos em voz alta sobre isso. O Espírito Santo promete àquele que tem essa piedade todas as bênçãos de Deus, felicidade, bem-estar, vitória sobre todas as tentações do diabo e da carne, o mundo e tudo o mais que puder ser citado. No entanto, aos outros, que desprezam, difamam ou perseguem a Palavra de Deus, ele ameaça de todo o mal, de sua destruição final e morte do corpo e da alma. TODO O SALTÉRIO.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> CTS 8:1\* (CO 31:37).

<sup>4</sup> Selnecker, *Der gantze Psalter*, 1:1r. Selnecker voltou a usar diversas vezes os argumentos dos Salmos tirados do *Summaries of the Psalms* de Lutero. Veja WA 38:18-69. Eles serão incluídos como parte dos três volumes novos da obra sobre Salmos de Lutero, LW 64-66.

**A recompensa, a glória e a alegria desse salmo.** DESIDERIUS ERASMUS: apesar de sua brevidade extrema, esse salmo aborda temas vitais e universais. Começa oferecendo uma grande recompensa e bênção. Apela a todos para que evitem o vício e busquem a virtude e, obedecendo a lei divina para serem renovados, floresçam novamente em Cristo, a quem já pertenciam por meio do batismo. Em seguida, intensifica o destino glorioso dos piedosos ao contrastá-los com todo tipo de ímpio, mesmo nesta vida mortal. Finalmente, revela a felicidade que está à espera dos piedosos no Dia do Juízo Final e a punição que aguarda os ímpios. EXPOSIÇÃO DO SALMO 1.<sup>5</sup>

### *1.1-2 Afastem-se dos ímpios, escolham a lei*

**Cristo é esse homem abençoado.** MARTINHO LUTERO: o primeiro salmo fala literalmente sobre Cristo: “Bem-aventurado o homem”. Ele é o único bem-aventurado e é o homem cuja plenitude todos receberam para que fossem abençoados, homens e tudo o que aparece nesse salmo. Ele é “o primogênito entre muitos irmãos”, “as primícias dos que dormem”, de modo que pode ser também as primícias daqueles que estão acordados, ou seja, no Espírito. Pois também está escrito no rolo desse livro sobre ele, para cumprir a vontade de Deus. Ele é um homem em três sentidos: em primeiro lugar, possui muitas virtudes. Em segundo, não é um menino que precisa ser educado, e sim graciosamente viril. Em terceiro, ele tem uma noiva. Este é o homem que foi abraçado por uma mulher, pois, como noivo, partiu também de sua câmara, tendo sua própria noiva desde o princípio. PRIMEIRAS LIÇÕES SOBRE OS SALMOS (1513-1515).<sup>6</sup>

**Unidos a Cristo, toda bênção e entendimento são nossos.** JOHANNES BUGENHAGEN: o homem bem-aventurado que é descrito aqui é primeiramente Cristo, o Senhor, que por causa de nós se tornou humano, e, em segundo lugar, toda pessoa que esteja em Cristo. Porém, nem assim

<sup>5</sup> CWE 63:11-13.

<sup>6</sup> LW 10:11\* (WA 3:15); citando João 1.16; Romanos 8.29; 1Coríntios 15.20; salmos 40.8;19.6.

dizemos que é preciso considerar excluídos os crentes que morreram antes da encarnação de Cristo, pois eles também estavam em Cristo, já que todos esperavam a semente da mulher que esmagaria a cabeça da serpente (Gn 3) e a descendência de Abraão, em que todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gn 22). Cristo propôs a vocês esse alvo, como foi dito em Lucas 2. Vejam que não se oponham a esse sinal. Ele tem esse desejo pela lei de Deus dia e noite, ou seja, sem parar, e isso é necessário se vocês quiserem ser abençoados. Que Deus lhes dê – pelo Espírito de Cristo – essa meditação e prazer contínuos e desejados na Palavra de Deus (porque isso está somente em uma pessoa espiritual), que crescerão enquanto vocês viverem aqui, para que nunca deixem de ter sede e fome de justiça nesta vida. Caso contrário, perderão todas as bênçãos, de acordo com Mateus 5: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. E segundo o Cântico de Maria: “Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos”. Encontramos a perfeição em Cristo e, em nós, imperfeição. O que temos vem de Deus e por meio de Cristo. Com o exemplo dele, aprendam a ter fome de justiça e verão quanto ainda lhes falta dessa bem-aventurança. Enquanto isso, as criaturas humanas não entendem as coisas de Deus, pois não são capazes. “São tolos e não conseguem compreender.” Aquele que não acredita ser um só com Cristo jamais entenderá os salmos. INTERPRETAÇÃO DOS SALMOS.<sup>7</sup>

**As mulheres não são excluídas dessa promessa.** DESIDERIUS ERASMUS: esse salmo utiliza a palavra *homem*, mas será que isso exclui as mulheres da bênção? De maneira alguma. No reino dos céus o gênero e a posição social não significam nada. Em Cristo não há mestre ou escravo, homem ou mulher, rico ou pobre, e sim uma nova criatura. É verdade que, no escrito místico, a parte superior da mente, que os filósofos chamam de razão, e Paulo, de espírito, costuma ser descrita simbolicamente como “*homem*”. De modo semelhante, a palavra *mulher*

<sup>7</sup> Bugenhagen, *In librum Psalmorum interpretatio*, IV; citando Gênesis 3.15; 22; Lucas 2.8-20,28-32; Mateus 5.6; Lucas 1.53; 1Coríntios 2.14.

descreve a parte mais fraca de nossa mente, que os filósofos chamam de instinto, e os cristãos, de carne.<sup>8</sup> Um aspecto relevante disso é que, no início do mundo, a mulher recebeu a ordem de obedecer ao seu marido e segui-lo nos momentos de culto, mas, com seu exemplo, ela o levou a pecar... Um verdadeiro homem deve desprezar tudo o que é assustador para este mundo, rejeitar e passar por cima de tudo o que for estimulante ou tentador e se aproximar de Cristo no caminho estreito da virtude. Acreditem em mim: esta não é uma tarefa para uma pessoa delicada ou muito pacífica. Se nada pode lhe separar do amor de Deus, seja o brilho do ouro, as armadilhas do prazer, as emoções dos amigos, a desgraça aos olhos dos homens ou até mesmo a espada, a fome, a morte, a vida ou os anjos, então você é um homem de verdade, ainda que seja uma mulher. EXPOSIÇÃO DO SALMO 1.<sup>9</sup>

#### **Fujam da companhia dos incrédulos!**

JOÃO CALVINO: ele começa declarando sua aversão aos ímpios para nos ensinar como é impossível para uma pessoa que não tenha antes se afastado e separado da sociedade dos incrédulos dedicar a mente à meditação na lei de Deus. Esse aviso é muito necessário. Vemos como o ser humano insensato se joga nas armadilhas de Satanás e como são poucos os que se protegem contra as tentações do pecado. Para não sermos pegos desprevenidos, precisamos lembrar que o mundo é cheio de corrupção mortal e que o primeiro passo para viver bem é abrir mão da companhia dos incrédulos. Caso contrário, eles nos infectarão com sua impureza. COMENTÁRIO DE SALMOS.<sup>10</sup>

#### **Os ímpios são movidos pelo sofrimento.**

RUDOLF GWALTHER: os ímpios são chamados de *rěšāim* (“perversos”) pelos hebreus, pois são angustiados e instáveis, vivem sem o temor a Deus e são governados somente por suas aflições.

<sup>8</sup> Veja RCS OT 1:53-54.

<sup>9</sup> CWE 63:14-15\*. Lutero e Caetano insistem também que as mulheres estão incluídas nessa promessa. Veja WA 5:27; Cajetan, *In Sacrae Scripturae Expositio-nem*, 3:6.

<sup>10</sup> CTS 8:2\* (CO 31:37).

Por isso, ninguém – que deseje a salvação e a paz de espírito – deve seguir seus conselhos. O SALTÉRIO.<sup>11</sup>

**A verdadeira bênção está somente na Palavra.** HIERONYMUS WELER VON MOLSDORF: o mundo prega que bem-aventurados são aqueles que florescem nesta vida e prosperam com todo o conforto possível. No entanto, o Espírito Santo declara que verdadeiramente felizes e abençoados são os que defendem a Palavra de Deus seriamente e a consideram prazerosa e seu maior tesouro. Amam ouvi-la! Isso acontece pelo seguinte motivo: a Palavra de Deus proporciona alívio em todas as situações de aflição e dificuldade, ou seja, traz consolo firme e seguro. As tradições humanas fazem o oposto. BREVE COMENTÁRIO SOBRE O SALMO 1.<sup>12</sup>

**A lei de Deus não nos prende, mas nos liberta.** CARDEAL CAJETAN: é importante saber que o termo hebraico traduzido aqui como “lei” significa realmente “instrução”, pois o salmista considera o que deve ser ensinado. E entre os judeus esta palavra era usada para indicar a lei divina [*tôrāh*] sempre que fosse dito “a lei do Senhor”. Desse modo, refere-se à “lei” pelo ato de aprender, não pelo ato de ser obrigada ou lida. Isso é muito adequado por causa da marca característica das leis humanas, que não ensinam, mas prendem, porque a lei divina não tem o objetivo de prender a raça humana, e sim de ensiná-la pela luz divina.

Dessa maneira, a “instrução” ou “lei do Senhor” pode ser entendida de duas formas. Primeiramente pode ser vista simples e absolutamente como a lei divina de forma dupla: a lei da natureza e a lei da graça. A primeira nos é apresentada e a segunda é derramada em nossa alma pelo Espírito Santo, como Jeremias e o apóstolo afirmam. Com a primeira observamos os preceitos da lei natural e, com a segunda, os preceitos da fé, esperança e amor. Em segundo lugar, ela pode ser compreendida como a lei do Senhor que foi dada por ele por determinado tempo. Essa interpretação também é dupla: a lei

do Antigo Testamento, escrita por Moisés e os profetas, e a lei escrita do Novo Testamento, que nos foi entregue pelos apóstolos e evangelistas e pela qual os mesmos observam os princípios relacionados ao batismo, à eucaristia, etc., assim como, pela lei do Antigo Testamento, Moisés e os profetas obedeciam os preceitos cerimoniais da época. COMENTÁRIO SOBRE O SALMO 1.2.<sup>13</sup>

**O prazer na literatura sagrada.** DESIDERIUS ERASMUS: ao usar a palavra “lei” o salmo se refere a todas as Sagradas Escrituras. O ato de estudá-las seriamente nos ajudará bastante a evitar o pecado. Para não procurar prazer nos pecados da carne, tenha prazer no estudo da literatura (obviamente na literatura sagrada, pois, se não estiver ligada a Cristo, nem merece o nome). A única proteção que uma pessoa pode ter contra todos os ataques dos demônios é se envolver total e sinceramente com as Escrituras. É nelas que o homem justo encontra prazer cada vez que, desprezando e rejeitando todos os outros, olha com admiração e amor para essa verdadeira pérola. Como lemos no evangelho: “Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”. O coração humano é naturalmente inclinado para o amor e não consegue ficar vazio dele. Além disso, o próprio amante se torna como aquilo que ele ama. Se alguém ama as Sagradas Escrituras acaba sendo arrebatado, transformado e transfigurado em Deus. EXPOSIÇÃO DO SALMO 1.<sup>14</sup>

**O verdadeiro prazer vem da fé em Cristo.** MARTINHO LUTERO: antes de tudo, aqui a palavra “prazer” não se refere à habilidade, nem ao costume negligente que foi introduzido – com base em Aristóteles – pelos novos teólogos para impedir a compreensão das Escrituras, nem à ação da qual, como dizem, a capacidade ou o hábito procedem. A natureza humana não tem esse prazer, pois ele vem necessariamente do céu. Tal natureza é destinada e inclinada para o mal, como diz a autoridade divina. A lei do Senhor é verdadeiramente boa, santa e justa. Então segue-se

<sup>11</sup> Gwalther, *Der Psalter*, IV.

<sup>12</sup> Weller, *Enarratio Psalmorum*, 2.

<sup>13</sup> Cajetan, In *Sacrae Scripturae Expositionem*, 3:6; citando Jeremias 31.31-34; Hebreus 8.8-13; 1Coríntios 13.13.

<sup>14</sup> CWE 63:25\*; citando Mateus 6.21 (cf. Lc 12.34).